

Índice de Segurança da Criança

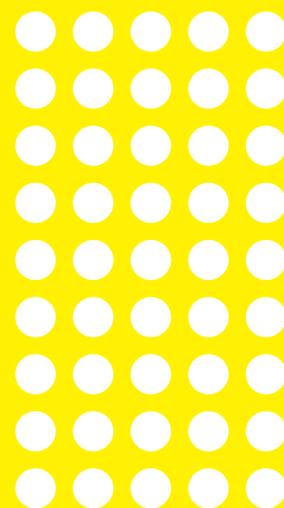


Foto: Chantal James

O que dizem as Crianças?

Uma consulta sobre violência a partir da percepção de crianças e adolescentes.

Karina Lira e Natalie Hanna

Sumário

RESUMO	1
INTRODUÇÃO	3
Sobre o Projeto	3
Sobre a pesquisa	5
Contextualizando a violência contra crianças e adolescentes no Brasil	9
REFLEXÕES FINAIS	14
REFERÊNCIAS	18
ANEXOS	19

Agradecimentos a todos os gerentes, coordenações programáticas, jovens e educadores sociais que trabalham junto a Visão Mundial nas 12 cidades pesquisadas. Também a Aizianne Leite e Suiane Alves pelas contribuições. Agradecimentos a todas as crianças e adolescentes que participaram da consulta, de seus responsáveis que sempre apoiam e são parceiros no trabalho junto a Visão Mundial.

Agradecimentos a Katherine Aguirre do Instituto Igarapé pelo processamento dos dados e a Ana Duarte, Caio F. Paes e Raphael Durão pela edição e diagramação deste relatório. Também a Robert Muggah pela revisão, Helen Moestue e Renata Giannini pelas contribuições. Especial agradecimentos a Google Brasil, Bernard van Leer Foundation e Oi Futuro pelo suporte para que este trabalho se realizasse.

Foto de capa: Chantal James

Supervisão Editorial: Maria Helena Monteiro

Projeto gráfico: Raphael Durão

Todos os direitos reservados.

Para mais informações sobre essa publicação, favor contactar:

vmb_comunicacao@wvi.org ou ana@igarape.org.br

O que dizem as Crianças?

Uma consulta sobre violência a partir da percepção de crianças e adolescentes.

Karina Lira e Natalie Hanna

RESUMO

Apesar dos avanços na legislação brasileira de proteção às crianças e adolescentes, com destaque para o Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, para a garantia de direitos para esta vulnerável parcela da população brasileira, o país enfrenta sérios problemas de desigualdades sociais e de acesso à rede de proteção de crianças e adolescentes que convivem diariamente com diversas formas de violência.

O Brasil é o 2º país no mundo com o maior número de homicídios contra adolescentes. Segundo dados da Unicef, a cada dia, 28 crianças e adolescentes morrem no país devido a situações de violência. As crianças e adolescentes assassinados no Brasil tem cor, classe social e endereço. São em sua maioria meninos negros, pobres, que vivem nas periferias e áreas metropolitanas das grandes cidades. A taxa de homicídio entre adolescentes negros é quase 4 vezes maior do que aquela entre os brancos.

Diante deste cenário preocupante, a falta de dados subjetivos sobre como a violência afeta o dia a dia destas crianças e adolescentes dificulta a implantação de ações e políticas de apoio e prevenção à violência.

Pensando em encontrar modos de compreender melhor este problema, a partir da percepção da criança, o Instituto Igarapé e a Visão Mundial desenvolveram juntos este projeto. Essa consulta, realizada entre setembro de 2015 e março de 2016, foi executada com o auxílio de um aplicativo desenvolvido pelo Instituto Igarapé, denominado Índice de Segurança da Criança). A ferramenta permite um rápido e eficaz mapeamento da percepção de violência de crianças e adolescentes em diferentes contextos e ambientes.

Os principais achados foram:

- As crianças e adolescentes pesquisados não percebem um alto nível de insegurança, apontando para uma normatização da violência vivenciada;
- Quanto maior a idade, maior a percepção de violência;

- Não foram encontradas diferenças de percepção de violência representativas entre meninos e meninas, diferentemente do apurado nas pesquisas realizadas anteriormente em Recife, em São Paulo e no Rio de Janeiro;
- A casa é o ambiente onde crianças e adolescentes se sentem mais seguros. Cerca de 40% referiram não se sentir seguros na comunidade ou escolas onde estudam.

O Índice de Segurança da Criança apresenta-se como uma importante ferramenta para direcionar e adaptar políticas públicas e ações de instituições que promovem o desenvolvimento de crianças e adolescentes a partir do uso de tecnologia na coleta de dados. O grande diferencial do aplicativo utilizado é a obtenção destes dados a partir da ótica da população altamente vulnerável e afetada pelas mais diversas formas de violência.

INTRODUÇÃO

Sobre o Projeto

O Índice de Segurança da Criança (ISC)¹ é um aplicativo de pesquisa desenvolvido em 2013 pelo Instituto Igarapé com o objetivo de mapear a percepção de violência de crianças e adolescentes que vivem em áreas conflagradas e de baixa renda. A ferramenta é formada por um conjunto de indicadores cuidadosamente selecionado, capazes de identificar os impactos psicológicos, emocionais e físicos da insegurança sobre as crianças. Esses indicadores são traduzidos em mais ou menos 30 frases afirmativas, facilmente compreensíveis, que as crianças podem concordar ou discordar em uma escala que vai de 1 a 3, estabelecendo-se assim um resultado individual para o ISC.

A ferramenta foi desenvolvida devido a falta de dados subjetivos sobre como as crianças e adolescentes percebem a violência, o que dificulta a ação protetiva e de prevenção, tanto para órgãos públicos, como para instituições que promovem programas e projetos de desenvolvimento infanto-juvenil. Importante ressaltar que crianças e adolescentes - principalmente de áreas de alta vulnerabilidade social - são constantemente afetadas e encontram-se nas mais diversas situações de violência. Somado a este fato, as pesquisas convencionais normalmente não agregam opiniões sobre processos que afetam suas vidas, sobretudo em regiões de baixa renda e onde são mais impactadas, dificultando ações preventivas.

Este relatório apresenta dados que possibilitam observar o fenômeno da violência sob a ótica da criança e do adolescente. Faz uso de tecnologia e é um mecanismo que dá voz a esta vulnerável parcela da população ao que eles sentem e percebem sobre esta questão.

Os dados que serão apresentados, com o apoio institucional da Google Brasil², é um resultado da união de esforços entre o Instituto Igarapé e a Visão Mundial, ambas organizações com experiência na produção de conhecimento com base na percepção de segurança por parte das crianças e adolescentes.

Considerar a percepção das meninas e meninos é um caminho fundamental para compreender as atitudes e crenças que permitem a perpetuação das diferentes formas de violências, apoiando os processos de tomada de decisão sobre as políticas públicas no campo da promoção e prevenção.

O ISC é um dispositivo de pesquisa de percepção simples que visa identificar a percepção de crianças e jovens sobre a segurança em seu entorno. Além de acelerar o processo de pesquisa e diminuir a possibilidade de erro, o aplicativo permite a visualização dinâmica dos resultados em uma plataforma interativa que organiza as respostas de acordo com os sexos, idades e locais onde se realizaram as entrevistas.

Desta forma, a aplicabilidade do ISC apresenta-se como uma importante ferramenta para mapear e identificar possíveis políticas, práticas e ações na prevenção à violência infanto-juvenil.

¹ Para mais informações, consultar: Igarapé (2016).

² Em 2014 o Instituto Igarapé foi vencedor do Prêmio Desafio Google de Impacto Social, que possibilitou a ampliação da aplicação do ISC em diversos municípios brasileiros. Para mais informações, consultar: <https://desafiosocial.withgoogle.com/brazil2014/charity/instituto-igarape>

Nesta pesquisa realizada os principais achados foram:

- As crianças e adolescentes pesquisados não percebem um alto nível de insegurança, apontando para uma normatização da violência vivenciada;
- Quanto maior a idade, maior a percepção de violência;
- Não foram encontradas diferenças de percepção de violência representativas entre meninos e meninas, diferentemente do apurado nas pesquisas realizadas anteriormente em Recife, em São Paulo e no Rio de Janeiro;
- A casa é o ambiente onde crianças e adolescentes se sentem mais seguros. Cerca de 40% referiram não se sentir seguros na comunidade ou escolas onde estudam.

Este relatório está dividido em 4 sessões principais. A primeira apresenta a metodologia e a amostra da pesquisa, com conteúdo informativo sobre as 12 cidades pesquisadas. A segunda contextualiza a situação da violência no Brasil. A terceira parte apresenta os principais achados da pesquisa, com dados gerais e por módulos. Por último, a conclusão discorre com reflexões finais e recomendações para aplicações futuras a ações de proteção e prevenção contra crianças e adolescentes.

Sobre a pesquisa

A pesquisa tem como objetivo conhecer a percepção de crianças e adolescentes sobre as diferentes formas de violência, às quais elas são submetidas em diferentes ambientes, no seu cotidiano. Os dados desta pesquisa de caráter consultivo foram coletados através de entrevistas realizadas, entre setembro de 2015 e março de 2016. A consulta foi realizada por recenseadores previamente treinados junto a 1.404 crianças e adolescentes participantes dos projetos da Visão Mundial, em 12 municípios brasileiros. A pesquisa seguiu os parâmetros de proteção, confidencialidade e consentimento. Foram obtidos consentimentos tanto de pais e responsáveis como das próprias crianças e dos jovens que participaram da pesquisa.

Para a sua realização, foi utilizado o ISC, que é um aplicativo de smartphone/tablet simples que consiste em um questionário com, no mínimo, 30 perguntas e que avalia a percepção de crianças e adolescentes em casa, na escola e na comunidade. Também observa as reações deste grupo com relação a pessoas, resiliência e diferentes formas de violência. O aplicativo permite ainda, a visualização dos resultados por idade e sexo em uma plataforma online que organiza os dados de maneira interativa e inovadora.

O entendimento de como violência e insegurança afetam o dia a dia de crianças e adolescentes é central para o planejamento de políticas públicas eficazes para a prevenção e redução da violência.³ Cabe destacar que durante o processo de formulação das perguntas sobre os diferentes

tipos de violência, evitou-se o uso específico da palavra violência, substituindo-a por expressões similares que remetessem a ideia de que xingar, ameaçar ou bater é algo errado.

Uma inovação central deste aplicativo é a promoção da participação infantil no processo de elaboração de um diagnóstico de segurança voltado para as necessidades deste público. Um importante próximo passo do aplicativo é a utilização dos dados coletados para informar políticas e tomadores de decisão. O aplicativo já havia sido testado em Recife, no Rio de Janeiro e em São Paulo.⁴

As perguntas sobre segurança permearam diferentes ambientes como: casa, escola e comunidade onde moram. As crianças e adolescentes também responderam sobre suas percepções de violência vivenciadas em relação a outras pessoas como família, vizinhos, policiais e pessoas que participam de atividades proibidas. Questões com o objetivo de captar a percepção sobre diferentes tipo de violência também foram aplicadas: violência verbal, violência física, abandono, violência sexual e trabalho infantil. Por último, os pesquisados responderam sobre percepção de bem-estar e perspectiva de vida futura.

Conforme o mencionado, os dados que serão apresentados têm caráter de consulta e não podem ser generalizados, em especial devido à amostra não aleatória, devido à pesquisa ter sido realizada com crianças e adolescentes participantes dos projetos da Visão Mundial, o que já configura um público específico.

³ Ministério da Justiça (2010).

⁴ Ver: Moestue, H; Gianini, R; Aguirre, K. (2015) e Giannini, R; Folly, M; Ladeira, V.; Werneck, A. e Siqueira, R. (2016).

Sobre a amostra da pesquisa:

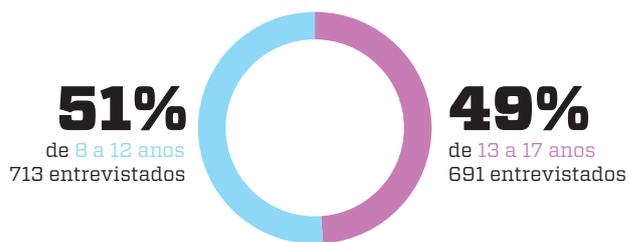
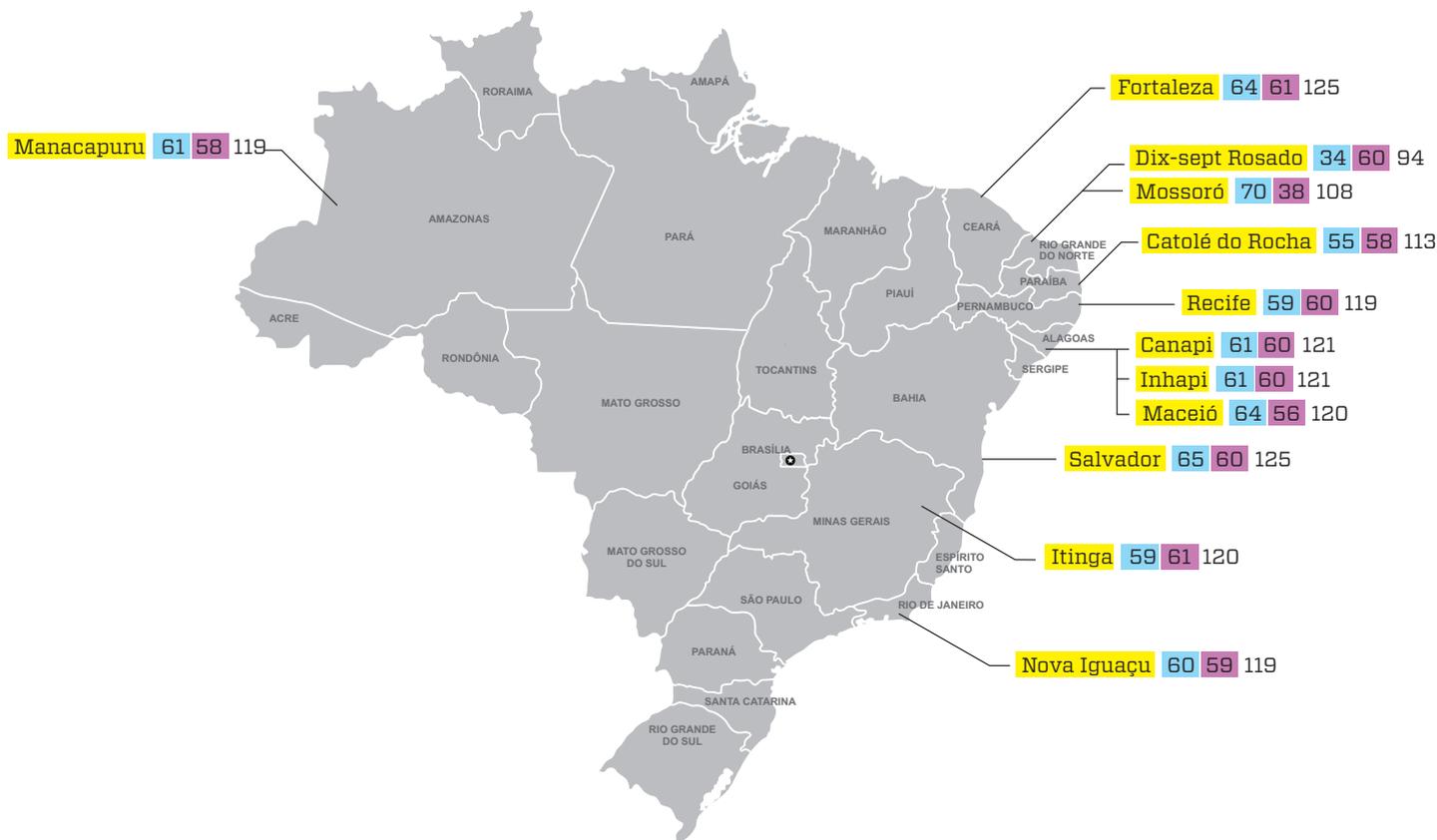
Tabela 1: Total de entrevistados por faixa etária

Idade dos pesquisados	
Crianças (8 – 12 anos)	713
Adolescentes (13- 17 anos)	691
Total	1404

Tabela 2: Total de entrevistados por sexo

Sexo dos pesquisados	
Feminino	722
Masculino	682
Total	1404

Mapa das cidades pesquisadas:



Sobre as 12 cidades pesquisadas:

A Visão Mundial no Brasil atua com foco na infância, com o propósito de lutar contra a vulnerabilidade nas comunidades, e tem como principal desafio a inclusão de crianças e adolescentes em programas de desenvolvimento, tirando-as de situação de alta vulnerabilidade.

A amostra da pesquisa nas 12 cidades pesquisadas configura de crianças e adolescentes que vivem em situações de pobreza e vulnerabilidade.

Apresentaremos um breve contexto de cada cidade pesquisada.

Canapi (AL): está entre as quatro cidades do estado de alagoas com o menor Índice de Desenvolvimento Humano Municipal.⁵ Com uma população de 17.250, e desta população apenas 9.291 são alfabetizadas e 7.660 são crianças e adolescentes com idade entre 1 e 19 anos.

Catolé do Rocha (PB): Com uma população de 28.759 conforme censo IBGE 2010, sendo que 9.370 são crianças e adolescentes com idade entre 0 a 19 anos e possui um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal 0,640, um dos menores do estado.

Dix-sept Rosado (RN): pequeno município do sertão do Rio Grande do Norte com uma população total de 12.374 habitantes e dentre estes 2.241 são crianças e adolescentes. Com um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,592, o Ministério do Desenvolvimento Social estima que o Bolsa Família atenda a 97,4% da população pobre desta área.

Fortaleza(CE): localizada na região Nordeste do Brasil, região que apresenta 59% da população extremamente pobre do país. De acordo com o

Laboratório de Estudo da Pobreza, o Ceará possui 19,3% de sua população na faixa etária de 15 a 24 anos, sendo que 18,6% da população jovem é extremamente pobre. Outro dado preocupante é que 75% desta população têm menos de 9 anos de estudos. Sobre a cidade de Fortaleza, nos dois locais onde a Visão Mundial atua possuem as seguintes características:

Local 1: Idade média da população: 26 anos; Taxa de analfabetismo: 14,69% , taxa de pessoas com emprego formal: 2,89%.

Local 2: Idade média da população: 22 anos; Taxa de analfabetismo: 16,28% , taxa de pessoas com emprego formal: 10,2%.

Inhapi (AL): localizado na região do alto sertão alagoano, fazendo parte do semiárido nordestino, com uma população de 17.839 habitantes, sofre devido aos efeitos do período da seca intensa e a inexistência de saneamento em grande parte das comunidades, a população vem sendo acometida por problemas sérios de saúde (desnutrição e surtos de diarreia aguda), sendo as crianças as mais atingidas, em consequência da queda abrupta da produção agrícola e pecuária, e por ingestão de água contaminada.

Em 2013 teve o mais baixo resultado de IDH entre os municípios do país, apresentando o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,484. Além disso, dados apresentados pelo PNUD demonstram que mais da metade, ou seja, 66% das famílias vivem entre a linha da pobreza e a indigência, isso implica em renda mensal per capita inferior a R\$140,00. Assim sendo, essas famílias recorrem aos serviços da Secretaria de Assistência Social do município que atua por meio de programas de transferência de renda do governo federal, em busca de minimizar a situação de pobreza.

⁵ Atlas Brasil 2013, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

Nova Iguaçu (RJ): Assim como todas as áreas de intervenção da Visão Mundial, as crianças e adolescentes de Nova Iguaçu e adjacências encontram grandes dificuldades no que diz respeito às necessidades de Saúde, Infraestrutura, Cultura e Educação. O acesso à Educação, por exemplo, é uma grande dificuldade, pois o número de vagas oferecidas é baixo e não consegue atender a toda a população, havendo maior reclamação por parte das famílias em relação ao serviço de creche, pois há apenas uma creche municipal com 70 vagas apenas para atender a toda a região, que de acordo com Diagnóstico possui mais de 3.500 crianças até os cinco anos de idade.

Itinga (MG): situada no Médio Jequitinhonha, possui população de aproximadamente 14.400 pessoas, segundo dados do censo IBGE 2010, e é predominantemente rural, cujos problemas principais são: desemprego, escassez de água e o desequilíbrio ambiental, agravado pela exploração de granito, reflexo das políticas de desenvolvimento, que atuam de forma antagônica aos anseios dos produtores familiares, degradando as matas e secando a água, indispensável à agricultura.

Mossoró (RN): segunda maior cidade do estado do Rio Grande do Norte, com uma população de 259.815 pessoas. A falta de oportunidades de lazer e empregos, ausência de vagas em creches e escolas, exposição às drogas, exploração sexual e violência no ambiente familiar e comunitário ainda expressam a dura realidade vivenciada por crianças, adolescentes e jovens da cidade.

Maceió (AL): capital do estado de Alagoas, possui uma densidade demográfica de 1.854,12 habitantes/km². A cidade é caracterizada tanto pela dificuldade de acesso, como pela baixa qualidade dos serviços públicos básicos como saúde, educação, saneamento. A participação dos

20% mais pobres da população na renda era de 2,5% no ano de 2000, enquanto a participação dos 20% mais ricos era de 67,4%, ou seja, 27 vezes superior à dos 20% mais pobres.⁶

Manacapuru (AM): é a terceira cidade em população do Estado do Amazonas, com quase 100 mil habitantes. Esta antiga aldeia indígena está localizada na margem esquerda do rio Solimões e tem na pesca um de seus meios de subsistência. Carinhosamente chamada de "Princesinha do Solimões", Manacapuru está distante de Manaus, a 84km por rodovia e a 88km por via fluvial.

Salvador (BA): capital da Bahia, é uma das cidades mais populosas do Brasil, com uma densidade demográfica que chega a 3.859 habitantes/km². Esse aglomerado populacional traz consigo uma série de problemas socioeconômicos que afetam os seus moradores na mesma proporção de sua grandeza. Como exemplo, os dados do censo IBGE 2010 que revelaram altos percentuais de crianças e adolescentes fora da escola e inseridos em atividades trabalhistas.

Recife (PE): Com uma área de aproximadamente 217km², está localizado às margens do oceano Atlântico, e possui uma população de 1.599.514 habitantes. A sede da Região Metropolitana do Recife, é a maior aglomeração urbana do Norte-Nordeste e quinta maior do Brasil, com 3,7 milhões de habitantes, além de ser a terceira metrópole mais densamente habitada do país, superada apenas por São Paulo e Rio de Janeiro, e a quarta maior rede urbana do Brasil em população. Devido à desordenada ocupação do solo e precariedade do saneamento básico na localidade verifica-se um estado de degradação ambiental significativo com impacto direto na saúde de Crianças, Adolescentes e Jovens (CAJs) que se constituem no segmento populacional mais vulnerável.

6 Censo 2010, IBGE

Contextualizando a violência contra crianças e adolescentes no Brasil:

Crianças e adolescentes na faixa de 0 a 18 anos de idade representam 31,3% da população brasileira⁷. Entretanto, o país é o segundo no mundo em número de assassinatos de adolescentes, atrás somente da Nigéria.⁸ Segundo dados da Unicef, a cada dia morrem 28 crianças e adolescentes no Brasil.

As crianças e adolescentes assassinados no Brasil têm cor, classe social e endereço. São em sua maioria meninos negros, pobres, que vivem nas periferias e áreas metropolitanas das grandes cidades - fato que se comprova ao analisar a taxa de homicídio entre adolescentes negros - que é quase 4 vezes maior do que aquela entre os brancos.⁹ Em 2002, o índice de vitimização negra foi de 73 pontos, ou seja, morreram proporcionalmente 73% mais negros que brancos.¹⁰ Em 2005, 8 mil pessoas entre 10 e 19 anos foram vítimas de homicídios. Destes, 65% eram afrodescendentes.¹¹

Para os adolescentes, o homicídio é a principal causa de morte, responsável por 45,2% dos falecimentos nessa faixa etária no Brasil em 2010.¹² Segundo dados do estudo 'Mapa da

Violência 2012', em 2010, de todas as mortes violentas, 43,3% foram homicídios e 27,2% mortes em acidentes de transporte.¹³

A questão do gênero desponta como um fator impactante. Observa-se uma elevada proporção de mortes masculinas no país, principalmente quando a causa são os homicídios. Nos últimos dados disponíveis, de 2012, 91,6% das vítimas de homicídio na população total pertenciam ao sexo masculino. Entre os jovens, este índice sobe para 93,3%.¹⁴

Apontando para a falta de políticas públicas na prevenção contra a violência para esta parcela da população brasileira, destaca-se que entre 92% e 95% dos homicídios em geral cometidos no Brasil não são solucionados.¹⁵

Considerando outros tipos de violência, segundo dados da Unicef, a cada dia, 129 casos de violência psicológica e física, incluindo a sexual, e negligência contra crianças e adolescentes são reportados, em média, ao Disque Denúncia 100. Isso quer dizer que, a cada hora, cinco casos de violência contra meninas e meninos são registrados no país. Esse quadro pode ser ainda mais grave se levarmos em consideração que muitos desses crimes nunca chegam a ser denunciados.

De acordo com as vítimas atendidas pelo SUS, prevalece a violência física, que concentra 40,5% do total de atendimentos de crianças e adolescentes, principalmente na faixa de 15 a 19 anos de idade, onde representam 59,6% do total de atendimentos realizados em essa faixa etária.

7 Ver: Mapa da Violência. Crianças e Adolescentes do Brasil (2012).

8 UNICEF (2014).

9 UNICEF Brasil (sem data).

10 Mapa da Violência: os jovens do Brasil (2014).

11 UNICEF Brasil (sem data).

12 Homicídios na Adolescência no Brasil. Índice de Homicídio de Adolescentes- IHA (2009/2010).

13 Mapa da Violência. Crianças e Adolescentes do Brasil (2012).

14 Mapa da Violência: os jovens do Brasil, (2014).

15 UNICEF Brasil (sem data) e Voitch (2013).

Em segundo lugar, destaca-se a violência sexual, notificada em 20% dos atendimentos, com especial concentração na faixa de 5 a 14 anos de idade. Já negligência ou abandono foi motivo de atendimento em 16% dos casos, com forte concentração na faixa de 1 a 4 anos.¹⁶

O estupro concentrou 59% do total de atendimentos por violências sexuais notificadas, sendo maior sua incidência na faixa de 10 a 14 anos de idade. Em segundo lugar, com 19,2% dos atendimentos, vem o assédio sexual.¹⁷

A grande maioria das vítimas da violência sexual pertence ao sexo feminino: entre 74,4% e 85,4%, com picos de incidência feminina a partir dos 10 anos de idade. No assédio sexual a elevada participação do sexo é semelhante à anterior: 83,1%. Na maior parte dos casos foi um amigo ou conhecido da criança ou da família – 28,5% dos atendimentos.¹⁸

Podemos constatar, portanto, que a atual situação de segurança das crianças e adolescentes no Brasil é crítica, sobretudo para os que vivem em regiões periféricas onde equipamentos públicos de segurança e o acesso à rede protetiva é escasso ou inexistente. Políticas e programas de proteção e prevenção à violência são urgentes e necessárias para a garantia de direitos desta vulnerável parcela da população brasileira.

16 Mapa da Violência. Crianças e Adolescentes do Brasil, (2012).

17 Idem.

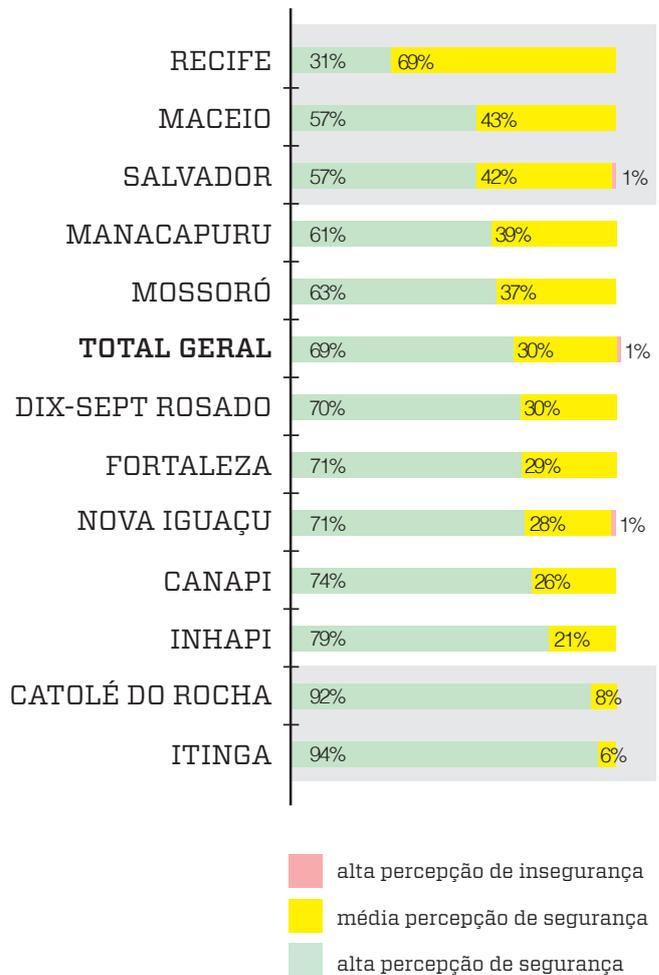
18 Ibidem.

Principais Achados da Pesquisa

Dados Gerais:

- Menos de 1% dos entrevistados percebem alta insegurança, apontando para uma possível normatização da violência.
- 68% dos pesquisados se sentem seguros.
- As crianças e adolescentes residentes em cidades com maior densidade populacional e extensão territorial apresentaram maior percepção de insegurança, a exemplo do Recife (PE) onde apenas 31% dos consultados relataram alta segurança, seguido por Maceió e Salvador, ambas com 57%. Nas cidades menores, as percepções de alta segurança das crianças residentes em Itinga (MG) e Catolé do Rocha (PA) ultrapassaram 90%, com 94% e 92%, respectivamente.¹⁹

Gráfico 1: Níveis de Percepção de Segurança por Cidade



¹⁹ Recife, Maceió e Salvador são capitais com população superior a 900.000 habitantes. Itinga e Catolé do Rocha são cidades com população inferior a 30.000 habitantes. Fonte: IBGE (2010).

Idade

Gráfico 2: Níveis de Percepção de Segurança por idade

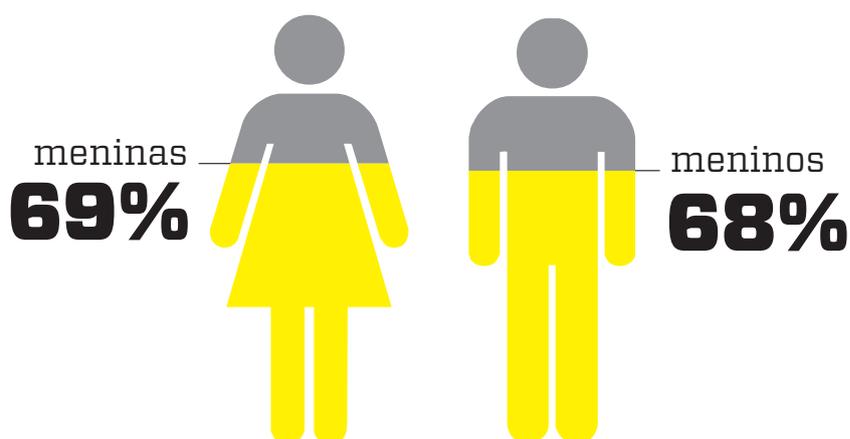


74% das crianças percebem alta segurança, entre os adolescentes este percentual cai para 63%. Observa-se portanto que, quanto maior a idade, maior a percepção de insegurança.

Os 0,3% de alta insegurança foi apurado entre adolescentes.

Sexo

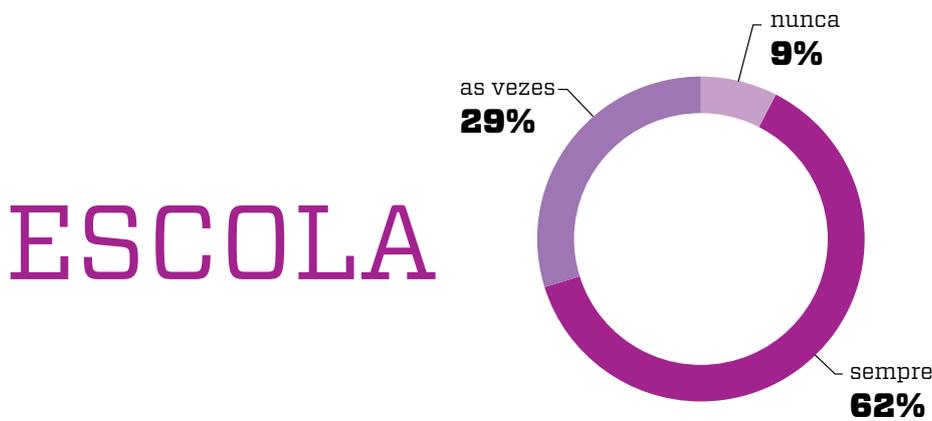
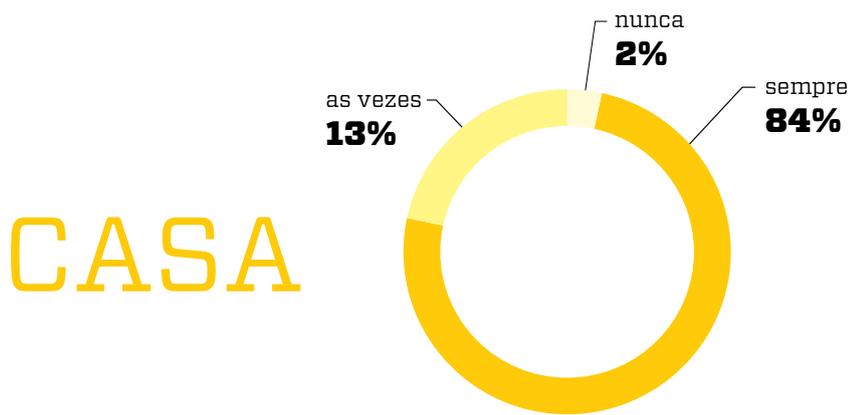
A percepção de segurança foi muito similar entre meninas e meninos.



Nível Alto de Segurança: meninas (69%), meninos (68%).

Os 0,3% de alta insegurança foi percebido entre meninas.

Onde as crianças e adolescentes sempre se sentem mais seguras?



A casa é o ambiente em que as crianças e adolescentes entrevistadas se sentem mais seguras (84% responderam que se sentem seguras em suas casas).

Cerca de 4 crianças em cada 10 não se sentem seguras na comunidade onde moram ou na escola onde estudam (37% e 38%).²⁰

²⁰ Somatório dos percentuais das respostas "às vezes" e "nunca".

Abandono e violência dentro de casa:



Foto: Instituto Bola para Frente

36% ficam sempre ou momentaneamente desacompanhadas de algum responsável em casa.

63% referiram apanhar quando fazem algo de errado.

25% presenciam pessoas que se batem.

40% presenciam pessoas que se xingam umas às outras dentro de casa.

A casa é o ambiente onde as crianças e adolescentes pesquisados consideram mais seguro – 84% responderam que sempre se sentem seguros em casa. Entretanto, os dados acima apontam para diferentes formas de violência vivenciadas, a se destacar violência física, violência verbal e abandono.

Percepção de segurança de crianças e adolescentes sobre a Escola onde estudam:



Foto: Instituto Bola para Frente

Cerca de 4 crianças em cada 10 não se sentem seguras nas escolas onde estudam

8 em cada 10 entrevistados presenciam brigas nas escolas

Cerca de 3 em cada 10 sofrem ameaça, violência física ou violência verbal na escola.

Cerca de 4 a cada 10 já tiveram aula cancelada por motivos de tiroteio ou confusão na rua.

Os dados apontam para um necessária melhoria nas condições de segurança das escolas públicas pesquisadas para o oferecimento de um ambiente seguro e acolhedor para que as crianças e adolescentes possam estudar e obter um desenvolvimento consistente. O cancelamento de aulas devido à violência urbana é outro fator que deve ser considerado como um sério agravante no aprendizado das crianças e adolescentes pesquisados.

Percepção de segurança de crianças e adolescentes sobre a Comunidade onde vivem:



Foto: Chantal James

Quase 40% das crianças relataram sentirem-se inseguras na comunidade onde vivem.

26% responderam “às vezes” e 15% disseram que “nunca” há espaços seguros para brincar e passear.

21% nunca sabem o que fazer se ocorrer algum problema de desastre ou perigo em suas comunidades.

32% disseram que “às vezes” e 26% responderam que “sempre” tem medo de carros, motos e bicicletas quando estão na rua.

Mais da metade (56%) acham que crianças tem chance de crescer e ter uma vida boa.

Mesmo com o alto percentual de 40% de crianças e adolescentes relatando que não se sentem inseguras nas comunidades onde vivem e as implicações apresentadas quando estão fora de casa, a maioria (56%) considera que terá chance de crescer e ter uma vida boa, apontado para a grande resiliência desenvolvida por estes jovens.

Percepção de crianças e adolescentes sobre as formas de violência:



Foto: Chantal James

Consideraram **SEMPRE** muito errado:

Ter o corpo tocado sem permissão	86%
Gritar ou xingar as pessoas	82%
Bater nas pessoas	82%
Ficar preso no quarto ou em casa	70%
Ficar sem cuidados (ou sozinho)	64%
Pessoas menores de 14 anos fazer alguma atividade para ganhar dinheiro	58%
Ficar em casa para tomar conta dos irmãos mais novos	28%
Fazer tarefa doméstica enquanto os pais trabalham	19%

A ação relacionada à dimensão da violência sexual foi a mais reprovada (86%), seguida da violência verbal e física (ambos com 82%). Verifica-se, comparativamente, uma maior aceitação do trabalho infantil (58%).

Percepção de segurança de crianças e adolescentes em relação a outras pessoas:



Foto: Instituto Bola para Frente

Me sinto sempre seguro com:

Pessoas da minha família	89%
Polícia	40%
Vizinhos	34%
Pessoas que participam de atividades proibidas	7%

A família apresenta-se como a classificação de pessoas com quem as crianças e adolescentes entrevistados se sentem mais seguros (89%). Uma minoria (40%) respondeu que sempre se sente protegido pela polícia, similar quando perguntados sobre se sentirem seguros com os vizinhos (34%). O menor percentual de segurança foi em relação às pessoas que participam de atividades proibidas, com apenas 7%.

Percepção de crianças e adolescentes sobre seu Bem-estar:



Foto: Instituto Bola para Frente

Acontece sempre:

Se sentem amados, bem tratados pelos seus pais/responsáveis	89%
Acham que serão felizes quando crescerem	86%
Quando ficam doentes, seus pais/responsáveis os levam para o médico	83%
Em situação de perigo, sabem onde pedir ajuda	67%
Já precisaram recorrer a delegacias/hospitais ou local de assistência por causa de algum tipo de violência	35%

Ainda que as crianças e adolescentes pesquisadas vivam em ambientes hostis e com frequentes situações de violência, a resiliência ou capacidade de adaptação e superação apresentou altos indicadores. A grande maioria se sente amada e bem tratada pelos seus pais e/ou responsáveis (89%); 86% dos entrevistados acham que serão felizes quando crescerem. 83% responderam que recebem cuidados quando ficam doentes e 67% disseram que sabem onde pedir ajuda no caso de uma situação de perigo. Em contrapartida, 35% responderam que já precisaram recorrer à delegacias, hospitais ou local de assistência por causa de algum tipo de violência.

REFLEXÕES FINAIS:

O Brasil é um país marcado por significativas desigualdades socioeconômicas e diferentes formas de violências cotidianas. Este contexto tem um impacto direto nas dinâmicas sociais, trazendo, por vezes ou muito frequentemente, uma sensação de insegurança que afeta diretamente a qualidade de vida da sociedade - especialmente dos mais vulneráveis.

Normalmente não se é considerada a forma como estas situações de violência atingem a população infanto-juvenil: como eles percebem esta questão da violência e qual o efeito disto no desenvolvimento e bem-estar nos diferentes espaços de socialização que eles participam - como a casa onde moram, a comunidade onde vivem, a escola onde estudam, e também nas relações com diferentes pessoas, familiares e vizinhos.

Para ajudar a preencher a lacuna de conhecimento acerca de como as crianças e adolescentes percebem e sentem a violência, o Instituto Igarapé desenvolveu o Índice de Segurança da Criança (ISC) para registrar as experiências de adolescentes e crianças em cenários de baixa renda. O ISC é projetado para ser usado por autoridades governamentais, entidades do setor privado e ONGs.

O aplicativo para realização de pesquisas permite obter uma visão geral e de ambientes específicos de como as crianças em diferentes contextos interpretam situações de violência e percepções de segurança, e como são afetados em suas vidas e no dia a dia. Através de uma melhor compreensão das dimensões do problema é possível priorizar as políticas e programas de redução da violência e medir com mais precisão os seus impactos.

A pesquisa realizada apurou que dentre as crianças e os adolescentes entrevistados a casa é o ambiente em que a maioria se sente segura (84%), e que 89% se sentem amados e bem

tratados pelos seus responsáveis. No entanto, é importante observar a qualidade das relações intrafamiliares, pois a maioria (63%) também referiu sofrer violência física quando faz algo de “errado”. A convivência familiar é o fator determinante e decisivo no bem-estar de uma criança, sua relevância envolve muitos aspectos que tem efeitos duradouros e profundos na sua vida.

Mais da metade disseram se sentir seguros no ambiente comunitário (62%), apesar de 35% deles já terem precisado recorrer a delegacias, hospitais ou local de assistência por causa de algum tipo de violência; ou ainda 58% mencionarem já terem sentido insegurança com carros, motos e bicicletas quando estão na rua, além da baixa segurança em relação a instituições que deveriam protegê-los como é o caso da polícia (apenas 40% disseram se sentir seguros com a polícia).

Sobre estes aspectos é importante refletir sobre a naturalização da violência que permite que tais violações sejam despercebidas. O espaço escolar também refletiu o cenário de insegurança, considerando que 36% dos entrevistados relataram que já tiveram aula cancelada por motivos da violência. A grande maioria presencia brigas dentro da escola (85%) e 25% dos entrevistados sofrem ou já sofreram ameaça, violência física ou verbal. A violência na escola reflete a violência da sociedade, e esse estado de estresse constitui-se um obstáculo para a aprendizagem e o desenvolvimento infanto-juvenil.

A grande maioria (86%) das meninas e meninos acreditam ser sempre errado ter o corpo tocado sem permissão. Uma menor proporção (58%) acredita que o trabalho infantil é errado.

A violência vivenciada pelas crianças e adolescentes brasileiros é um fenômeno “além

dos muros”, ou seja, além do âmbito doméstico, seu entorno e instituições. Ela se perpetua também na cultura e se concretiza em crenças e atitudes cotidianas.

Escutá-los é fundamental, para conhecer esses padrões concebidos nos processos educativos e para estabelecer estratégias que rompam este ciclo - para que crianças e adolescentes desempenhem um papel como atores ativos no exercício dos seus direitos e habilidades para proteger a si e seus pares.

Neste sentido, o ISC apresenta-se como uma ferramenta prática e aplicável para diferentes contextos para o desenvolvimento de políticas e práticas que minimizem a violência contra crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

Borges, D.; Cano, I. (2012). Homicídios na Adolescência no Brasil. Índice de Homicídio de Adolescentes - IHA 2009/2010. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/br_indiceha10.pdf

Giannini, R.; Folly, M.; Ladeira, V.; Werneck, A. e Siqueira, R. (2016). Infância e Segurança: um estudo sobre a percepção da violência por crianças e adolescentes do Complexo do Muquiço, Rio de Janeiro. Instituto Igarapé. Disponível em: https://igarape.org.br/wp-content/uploads/2016/08/AE-21_CSI-rio-010816.pdf

Milhares de crianças e adolescentes são vítimas da violência no Brasil. (2015). Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/07/milhares-de-criancas-e-adolescentes-sao-vitimas-da-violencia-no-brasil.html>

Ministério da Justiça (2010). Projeto Juventude e Prevenção da Violência: Eixo 2 – Sistematização de experiências de prevenção à violência entre jovens (relatório final). Brasília: Ministério da Justiça, Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ILANUD. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/storage/download//relatoriosistematizacao.pdf>

Moestue, H.; Gianini, R.; Aguirre, K. (2015). When Kids Call the Shots. Testing a Child Security Index in Recife, Brazil. Instituto Igarapé. Disponível em: https://docs.google.com/viewer?url=https://igarape.org.br/wp-content/uploads/2015/12/AE-18_CSI-Recife_EN-27-11_2.pdf

Muggah, R. (2016). Brazil, Homicide Capital of the World, Tackles Violence against Children. Disponível em: <https://www.opensocietyfoundations.org/voices/brazil-homicide-capital-world-tackles-violence-against-children>

Moestue, H. and Muggah, R. (2012). Preventing violence against children in fragile and conflict-affected settings: a 'child security index', Early Childhood Matters. Disponível em: <https://igarape.org.br/wp-content/uploads/2012/11/moestue-and-muggah-2012-child-security-index.pdf>

Oliveira, F. (2016). A mais grave crise. Não há tragédia maior no Brasil do que a epidemia homicida de crianças e adolescentes. Disponível em: http://oglobo.globo.com/cultura/a-mais-grave-crise-19656716?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_content=cultura&utm_campaign=newsdiaria

Pinheiro, P. S. (2006). Estudo Global das Nações Unidas sobre a Violência contra Crianças. Assembleia Geral da ONU. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/Estudo_PSP_Portugues.pdf

UNICEF Brasil. (sem data). Redução da violência contra adolescentes. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/activities_10211.htm

UNICEF Brasil. (sem data). Homicídios de adolescentes. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/activities_31705.htm

UNICEF Brasil. (sem data). Prevenir e evitar a violência dentro das famílias. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/activities_10213.htm

UNICEF (2014). Hidden in Plain Sight- A statistical analysis of violence against children. Disponível em: http://files.unicef.org/publications/files/Hidden_in_plain_sight_statistical_analysis_EN_3_Sept_2014.pdf

Weiselfisz, J. (2012). Mapa da Violência 2012 - Crianças e Adolescentes do Brasil. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012_Criancas_e_Adolescentes.pdf

(2014). Mapa da Violência 2014 – Os jovens do Brasil. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf

Voitch, G. (2013). No Brasil, só 5% dos homicídios são elucidados. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/no-brasil-so-5-dos-homicidios-sao-elucidados-7279090>

ANEXOS:

QUESTIONÁRIO DE ABORDAGEM

MÓDULO CASA

Indicador: percepção sobre a segurança no ambiente familiar

1. Eu me sinto protegido na minha casa

- 0 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 2 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

2. Eu fico acompanhado de alguém responsável quando estou em casa

- 0 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 2 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

3. Na minha casa, se eu fizer algo errado eu apanho

- 2 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 0 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

4. As pessoas na minha casa batem umas nas outras

- 2 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 0 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

5. As pessoas na minha casa gritam e xingam umas às outras

- 2 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 0 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

MÓDULO ESCOLA

Indicador: percepção sobre segurança na escola

1. Eu me sinto seguro na escola

- 0 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 2 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

2. Alguns alunos brigam na minha escola

- 2 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 0 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

3. Alguns alunos me ameaçam, me batem ou me xingam na escola

- 2 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 0 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

* NR: Não Respondeu | NA: Não se Aplica

4. Eu falto à aula porque tem muita punição, castigo e ofensa por parte dos professores e outros funcionários

- 2 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 0 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

5. As escolas no lugar onde moro cancelam aulas por causa de problemas como tiroteio e confusão na rua

- 2 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 0 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

MÓDULO COMUNIDADE

Indicador: percepção sobre segurança no local onde mora

1. Eu me sinto seguro no lugar onde moro

- 0 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 2 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

2. As crianças do lugar onde eu moro têm muitas chances de crescer e ter uma vida boa

- 0 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 2 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

3. No lugar onde eu moro tem espaços onde é seguro eu brincar

- 0 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 2 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

4. Se tem um problema (desastre ou perigo) no lugar onde eu moro, eu sei o que tenho que fazer

- 0 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 2 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

5. Eu tenho medo de carros, motos e bicicletas quando estou na rua

- 2 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 0 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

MÓDULO PESSOAS SEGURAS

Indicador: percepção sobre a proteção vivenciada em relação a outras pessoas

1. Eu me sinto seguro na casa de outras pessoas

- 0 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 2 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

2. Eu me sinto protegido pelas pessoas da minha família

- 0 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 2 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

3. Eu me sinto protegido (a) pelos meus vizinhos

- 0 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 2 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

4. Eu me sinto protegido (a) pela polícia

- 0 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 2 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

5. Eu me sinto protegido (a) pelas pessoas no lugar onde moro que participam de atividades que são proibidas/que não são permitidas

- 2 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 0 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

MÓDULO VIOLÊNCIA

Indicador: percepção sobre o que é violência

1. Eu acho que gritar e xingar as pessoas é muito errado

- 2 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 0 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

2. Eu acho que ficar sem cuidado (ou ficar sozinho) é muito errado

- 2 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 0 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

3. Eu acho que bater nas pessoas é muito errado

- 2 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 0 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

4. Eu acho que ter o corpo tocado sem permissão é muito errado

- 2 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 0 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

5. Eu acho que ficar preso no quarto ou em casa é muito errado

- 2 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 0 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

6. Eu acho que uma criança/adolescente (menor de 14 anos) que faz alguma atividade para ganhar dinheiro é muito errado

- 0 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 2 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

7. Eu acho que ficar em casa para tomar conta dos irmãos mais novos é muito errado ou para fazer as

- 0 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 2 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

8. Eu acho que fazer as tarefas domésticas enquanto os pais trabalham é muito errado:

- 0 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 2 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

MÓDULO EU MESMO

Indicador: percepção sobre bem estar

1. Se eu sinto que estou correndo perigo, eu sei pra quem posso pedir ajuda

- 0 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 2 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

2. Quando fico doente meus pais ou responsáveis me levam ao médico

- 0 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 2 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

3. Eu me sinto amado/bem tratado pelos meus pais /responsáveis

- 0 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 2 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

4. Eu acho que serei muito feliz, quando eu crescer

- 0 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 2 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

5. Eu ou alguém da minha família já precisou recorrer a delegacias, hospitais e outros locais de assistência por causa de algum tipo de violência

- 2 - Sempre
- 1 - Às Vezes
- 0 - Nunca
- 66 - NA
- 99 - NR

DADOS POPULACIONAIS DAS CIDADES

Cidade	População
Salvador BA	2.675.656
Fortaleza CE	2.452.185
Recife PE	1.537.704
Maceió AL	932.748
Nova Iguaçu RJ	796.257
Mossoró RN	259.815
Manacapuru AM	85.141
Catolé do Rocha PB	28.759
Inhapi AL	17.898
Canapi AL	17.250
Itinga MG	14.407
Dix Sept Rosado RN	12.374

Fonte: IBGE, 2010



INSTITUTO IGARAPÉ

a think and **do** tank

O Instituto Igarapé é um think and do tank independente, dedicado às agendas da segurança, da justiça e do desenvolvimento. Seu objetivo é propor soluções inovadoras a desafios sociais complexos, por meio de pesquisas, novas tecnologias, influência em políticas públicas e articulação. O Instituto atualmente trabalha com cinco macrotemas: (i) política sobre drogas nacional e global; (ii) segurança cidadã; (iii) cidades seguras; (iv) consolidação da paz; e (v) segurança cibernética. O Instituto Igarapé tem sede no Rio de Janeiro, com representação em Bogotá, Cidade do México, Lisboa e outras partes do mundo.



A Visão Mundial é uma organização não governamental humanitária cristã, que dedica todos os esforços e recursos para contribuir com o alcance do bem-estar de crianças, adolescentes e jovens que vivem nas comunidades mais pobres de nosso país. A Visão Mundial Brasil faz parte da parceria World Vision International, que está presente em cerca de 100 países, esforçando-se para erradicar a pobreza e promover a justiça. No Brasil, atua desde 1975 beneficiando diretamente mais de 69 mil crianças em 732 comunidades em 10 estados brasileiros. A organização tem status consultivo junto à Organização das Nações Unidas (ONU).

Instituto Igarapé

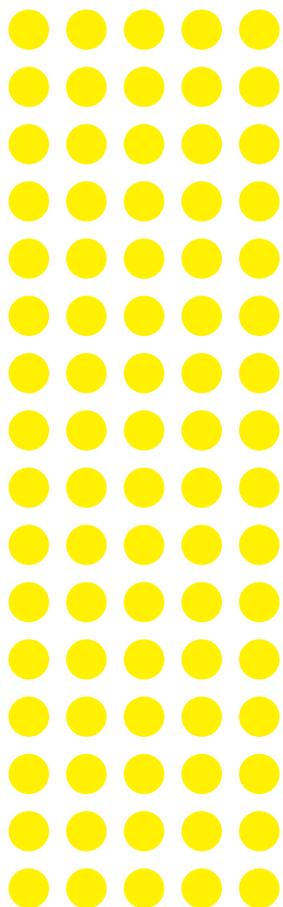
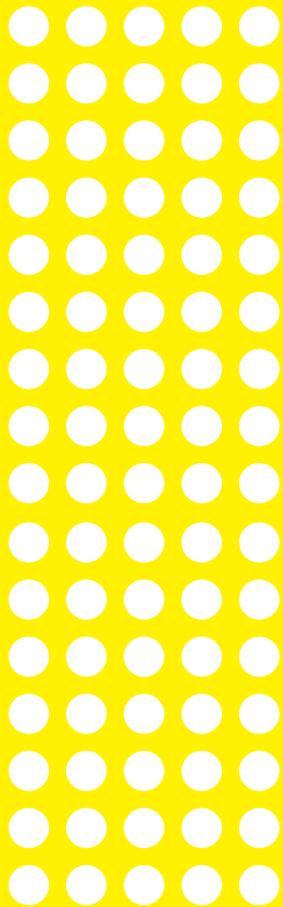
Rua Conde de Irajá, 370
Botafogo, Rio de Janeiro - RJ - Brasil - 22271-020
Tel/Fax: +55 (21) 3496-2114
contato@igarape.org.br
facebook.com/institutoigarape
twitter.com/igarape_org

www.igarape.org.br

Visão Mundial

Rua do Fogo, nº 22 – 4º andar,
Santo Antônio, Recife - PE - Brasil - 50010-340
Telefone: (81) 3081-5600
vmb_atendimento@wvi.org
facebook.com/visaomundialbrasil
instagram.com/visaomundialbr

www.visaomundial.org.br



INSTITUTO IGARAPÉ
a think and do tank

